

Repercussões psicossociais do *Bullying* em adolescentes

Thayse Emanuelle Menezes dos Santos¹
Francisco de Oliveira Barros Júnior²

Resumo: O termo bullying, de origem inglesa, foi adotado por diversos países para definir um conjunto de comportamentos agressivos, repetitivos e intencionais, que têm como alvo a relação. Este artigo se caracteriza por uma pesquisa bibliográfica, tem o objetivo de analisar criticamente as repercussões psicossociais do bullying em adolescentes, contextualizando seu histórico, as características e consequências dos envolvidos. Além disso, busca proporcionar conhecimento sobre as nuances do bullying para a escola, destacando a importância para a Psicologia e educadores. Atualmente, devido à sua mediação na sociedade, é imprescindível no meio acadêmico uma abordagem séria e profunda deste tema, a fim de se buscar estratégias de intervenção, e principalmente, evitar que o bullying se instale até mesmo na universidade e afete, os sujeitos e a instituição escolar, muitas vezes, irremediavelmente.

Palavras-chave: Violência. Bullying. Adolescência. Identidade.

1. Introdução

Estatisticamente a violência tem aumentado no Brasil. Um levantamento realizado pela Unesco em 2002, foi o pioneiro a examinar a insegurança na

¹Psicóloga- FSA, Especialista em Psicologia Clínica - FSA e Mestranda em Políticas Públicas –UFPI

²Cientista Social- UFC, Mestre e Doutor em Ciências Sociais –PUC (SP), Docente do Centro de Ciências Humanas e Letras- UFPI



escola por meio de estatísticas. O estudo concluiu que na maioria das escolas, sejam públicas ou privadas, a violência atingiu patamar tão elevado que os alunos estão inseguros na sala de aula como se estivessem na rua.

Diante dessa relação de poder e meios de coerção pode-se falar em uma das grandes preocupações da realidade das escolas: a violência escolar denominada bullying, também chamado de intimidação, assédio, ameaça ou provocação que pode ser identificado conforme a Associação Brasileira de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA) por meio de algumas ações, como colocar apelidos depreciativos, ofender, zoar, humilhar, ferir, roubar, excluir, etc, referindo-se aos maus-tratos físicos ou psicológicos por parte de um ou mais alunos a outro aluno. Esse tipo de violência se caracteriza por alvos, autores, testemunhas e alvos/autores.

Sabe-se que o ambiente familiar e escolar estão presentes na construção das relações sociais que podem ser saudáveis ou de intimidação, onde uns se apropriam de sua grande estatura ou força física para intimidar outros, resultando muitas vezes em violência constante, evasão escolar, baixo rendimento escolar, depressão e até suicídio. Além disso, há as implicações na formação da identidade social do sujeito que é um ser intrinsecamente social.

Para Hall (2003) a identidade é uma construção social que se caracteriza pela vinculação do sujeito a um grupo social e diferenciação dos demais grupos, a partir das relações de poder estabelecidas na sociedade onde está inserido.

E quando essas relações de poder acarretam preconceito e estigma, elas afetam a construção da identidade do adolescente ferindo sua auto-estima, prejudicando seu desempenho escolar e suas relações afetivas e sociais.

Mesmo que a noção de formação de identidade envolva mudanças, por se configurar um processo em aberto, é necessário analisar sua relação com as repercussões da violência social, especificamente a escolar, desde a adolescência, para que se possam elencar estratégias de prevenção e ação que envolvam o sujeito, a família, e a escola como um todo, uma vez que os profissionais devem estar atentos para as políticas públicas que permeiam essa realidade.

Assim, este artigo objetiva analisar as repercussões psicossociais do bullying e sua relação com a formação da identidade de adolescentes, descrever as causas e consequências psicossociais do bullying; e investigar os aspectos do processo de construção da identidade dos adolescentes.

2. Fundamentação teórica

A violência não se apresenta como fato novo ainda preocupando a sociedade que convive com isso em diferentes âmbitos (física, verbal, etc) e locais (casa, trabalho, escola, etc).

Embora, etimologicamente, a palavra violência se remeta à noção de força, são numerosos os estudos que consideram como violentas situações que não envolvam a força física, como a agressão por meio de palavras e atitudes.

Bernard Charlot (1997 apud ABRAMOVAY 2003) afirma a dificuldade em definir violência escolar não somente porque se refere a fenômenos heterogêneos, difíceis de limitar, como também a desestruturação das representações sociais que tem valor fundador: infância (inocência), escola (refúgio de paz) e sociedade (pacificada no regime democrático).

Nesse sentido, destaca-se o bullying, também chamado de intimidação, assédio, ameaça, ou provocação que deve ser tema urgente nas escolas e se refere especificadamente aos maus tratos físicos ou verbais por parte de um ou mais alunos a outro aluno.

Sabe-se que os primeiros estudos sobre esse fenômeno iniciaram na Universidade de Bergen, no começo dos anos 70, com o psicólogo Dan Olweus devido a incidência de agressividade nas escolas norueguesas. As instituições, contudo, não tinham interesse sobre o tema. Na década de 80, as escolas despertaram para o mesmo diante de três casos de suicídio com jovens entre 10 e 14 anos.

A pesquisa de Olweus foi realizada com 8400 estudantes, 300 a 400 professores e 100 pais, com uso de questionários contendo 25 questões com respostas e múltipla escolha, para verificar a frequência, tipos de agressões, locais de maior risco, tipo de agressores e percepções individuais quanto ao número de agressores. Essa pesquisa objetivava caracterizar o *bullying* e sua extensão avaliando seu impacto com o olhar da própria criança. Assim, o resultado mostrou que um em cada sete estudantes estavam envolvidos nessa violência.

Em 1993, Olweus publicou o livro *"Bullying at School"* que tinha o intuito de ajudar a identificar o *bullying*, além de propostas de intervenção no âmbito escolar. A partir dessa obra surgiu uma campanha nacional apoiada pelo governo norueguês e que repercutiu, posteriormente, em outros países.

Esse tipo de violência encontrada principalmente nas escolas agrega atitudes



agressivas intencionais e repetidas que são manifestadas por estudantes contra seus colegas de classe ou de escola, resultando em angústia a estes, como por exemplo apelidos depreciativos. O bullying compreende alvos, alvos/autores, autores e testemunhas e ocorre com maior frequência em meninos.

O perfil dos **autores** se caracteriza por alunos que só praticam o bullying, geralmente tem pouca empatia, fazem parte de uma família na qual há pouca relação afetiva entre seus membros e tem a violência como forma de modelo de comportamento e posição de poder. Além disso, procuram agredir pessoas que geralmente apresentam obesidade, baixa estatura, deficiência física ou mental e diferentes aspectos culturais, étnicos ou religiosos.

Os **alvos** são aqueles que sofrem desta violência, geralmente são pouco sociáveis, tímidos, com baixa auto-estima e pouco estimulados na família. Também podem ser alunos com alto desempenho escolar e que podem ter seu rendimento diminuído devido as agressões, além de depressão e até suicídio.

Os **alvos/autores** são alunos que por hora sofrem de bullying e por outra praticam, no intuito de reagirem e levantarem sua auto-estima, assim se “vingam” dos atos que sofrem, exercendo poder sobre um grupo e humilhando outros.

E as **testemunhas** representam a maioria dos alunos que não denunciam a violência devido ao temor de se tornarem os próximos alvos. Esses estudantes até se sentem incomodados com essa prática, porém inseguros sobre qual atitude realizar.

Nesse contexto, é importante diferenciar as brincadeiras que são próprias da criança das práticas de bullying, pois nestas os atos são repetidos com frequência e ocasionam incapacidade e inabilidade do alvo reagir, afetando assim sua auto-estima, identidades e suas relações sociais.

Observam-se alguns fatores que podem desencadear esse fenômeno em crianças com o perfil de possíveis autores de bullying: sentimento de insegurança, vítimas de algum tipo de abuso, humilhações frequentes pelos adultos, pressão constante para obter sucesso em suas atividades, dificuldade de relacionamento com outras crianças, além do fato de assumirem papel de “bodes expiatórios” em sua família e gostarem de experimentar a sensação de poder.

Isso pode ser reforçado pelas autoras Beaudoin e Taylor (2006), as quais afirmam que há quatro bloqueios contextuais - deveres específicos geralmente atribuídos aos membros de uma cultura – que exacerbam o desrespeito e o bullying: competição, conquista a todo custo, avaliação e regras.

Segundo Constantine (2004), existem sinais que podem ser percebidos como incidência de *bullying* nos alvos: medo de ir à escola, pedir para trocar de escola, baixo rendimento escolar, chegar a casa com roupa e/ou livros rasgados repetidas vezes, tornar-se uma pessoa agressiva, ansiosa, deprimida, ter pesadelos e freqüentes, “perder” seus objetos. Ao ser indagado sobre o que está acontecendo sempre apresenta desculpas pouco convincentes.

As conseqüências dessas ações violentas envolvem os autores, alvos, alvos/ autores, testemunhas, e vão desde a acentuação dos sentimentos negativos especialmente a baixa auto-estima e insegurança, depressão, dificuldade nos relacionamentos afetivos, dificuldade de adaptação no trabalho ao envolvimento em atos delinquentes e criminosos até atos de suicídio.

Esse tipo de violência se apresenta tanto em escolas públicas como em privadas, contudo com diferença na forma como é praticada: nas escolas particulares os estudantes valorizam bens materiais servindo assim de motivo para intimidações, enquanto, nas públicas, a incidência se dá pela própria violência cotidianamente vivenciada pela comunidade.

De acordo com Spósito (2002) em uma pesquisa no período de 2000 a 2003 em várias cidades do Brasil, a violência escolar estava presente tanto em escolas de caráter disciplinar rígido quanto em escolas permissivas e desorganizadas. Além disso, as brigas físicas aumentaram entre os alunos nesse período e já se procurava associar a questão às políticas sociais.

Segundo Boneti e Priotto (2009), as atitudes como ofender, ignorar, excluir, ferir e humilhar sempre existiram nas escolas públicas e privadas, tanto nas séries de ensino fundamental ou médio, porém o fenômeno tem se estendido para as séries iniciais e repercute, muitas vezes, não só na escola como também na vida pessoal, através de mensagens pela internet e celulares.

O cyberbullying consiste em agressões por meio de aparelhos de comunicação, como o telefone celular e a internet, através de humilhações e deterioração da imagem da vítima em sites de relacionamento, entre outros. Para Silva (2010), esse tipo de violência virtual se propaga com mais força pela inexistência de padrões éticos e legais para utilização de recursos tecnológicos, falta de empatia nas relações interpessoais, certeza do anonimato, da impunidade e do silêncio das vítimas.

Nesse contexto, os adolescentes que são alvos sentem-se ameaçados e podem sofrer conseqüências negativas ou futuramente ser possíveis agressores



por motivos de vingança, uma vez que nesse momento de suas vidas a autoimagem e o autoconceito interferem na construção de suas identidades adolescentes.

Ao se falar de adolescência, a visão naturalizante da adolescência é mais que uma visão a qual acoberta as determinações sociais, pois, na verdade, impede a construção de uma política social adequada para que os jovens possam inserir-se na sociedade como parceiros sociais ativos, fortes e criativos.

Para Bock (2004), a Psicologia não pode mais manter-se divulgando e reforçando estas visões, pois não contribui para a construção de políticas sociais adequadas para a adolescência; não ajuda a construir projetos educacionais adequados para manter os estudantes na escola, não ajuda a inseri-los nos grupos e nas instituições que têm como vocação o debate sobre eles.

Nesse sentido, a adolescência é vista como uma construção social que tem suas repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno e não como um período natural do desenvolvimento. É um momento significado, interpretado e construído pelos homens. Estão associadas a ela marcas do desenvolvimento do corpo as quais, constituem também a adolescência como fenômeno social, mas o fato de existirem como transformações no corpo não deve fazer da adolescência um fato natural.

A adolescência refere-se, assim, a esse período de latência social constituída a partir da sociedade capitalista, gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, da necessidade do preparo técnico advindo de uma pressão social.

Dessa forma, a escola, por estar inserida na sociedade, é um veículo de ordem social, ensinando desde a infância padrões de comportamento, conceitos bons e verdadeiros sobre os variados aspectos da vida social, além de influenciar na formação da identidade de cada sujeito que interage com o meio e é capaz de transformá-lo.

Nesse contexto, a formação da identidade é caracterizada por Hall (2005) não como algo unificado, completo, e fixo, mas à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam há também multiplicidade de identidades.

Para ele, existem três concepções de identidade: 1) Sujeito do Iluminismo, que tinha a razão como núcleo interior do sujeito; 2) Sujeito sociológico, que se baseava numa concepção interativa da identidade e do eu, além de constituir o

elo de ligação entre o público e o privado; 3) Sujeito pós-moderno, que possui uma identidade mutável e na verdade o sujeito pode assumir identidades diferentes em momentos diferentes.

É importante discutir isso, pois a identidade é construída a partir da relação com os outros em que o convívio através da linguagem, ações, variados papéis sociais (mãe, trabalhadora, filha, estudante, etc) vão sendo observados para depois serem internalizados e diferenciados. Além disso, o contexto histórico deve ser levado em conta e, a partir dessa perspectiva, o ser humano não possui uma única identidade, mas identidades múltiplas, uma vez que se vincula não só a uma classe socioeconômica, como também a uma classe de idade, gênero, etnia, nação e outros.

Para Melucci (2004) há três características fundamentais quando se fala de identidade de um ser ou de um grupo: continuidade do sujeito, independente do tempo e espaço; delimitação dos sujeitos em relação aos outros; e a capacidade de se reconhecer e ser reconhecido pelos outros.

E, quando se fala em formação de identidade, remete-se a diferenciação do eu e do outro, que não deve ser confundida com o desrespeito e a não aceitação da maneira como o outro se apresenta, ou seja, o exercício do preconceito. Além disso, pode haver rotulações, exclusão e estigmatização.

Nesse sentido, a violência já se faz presente quando se constrói e perpetua o preconceito e em especial o estigma, definido como um atributo que produz um amplo descrédito na vida do sujeito em situações extremas, nas o diferente passa a assumir a posição de incapaz.

Segundo Goffman (1993), o estigma estabelece uma relação impessoal com o outro: o social anula a individualidade e determina o modelo que interessa para manter o padrão de poder.

Não se pode esquecer que, nessa fase da adolescência, o sujeito é atravessado por mudanças corporais, cognitivas e sociais caracterizadas por novas relações de amizade. Na adolescência a aceitação no grupo se faz presente e a auto-estima dos jovens está muitas vezes ligada às transformações do corpo e por pensamentos de que nada ruim pode afetá-los. Assim, mediante uma variedade de relações, o adolescente se vê obrigado a estar em mundos cada vez mais diferenciados, tragado pela pluralidade, implicando em uma construção potencial de metamorfose. E como Chaves (2008, p.24) afirma, o processo de se tornar adulto sofre as influências históricas que atravessam e compõem as



matérias de expressão e os modos de ser, nos quais a juventude está inserida.

Dessa forma, a identidade estigmatizada destrói atributos e qualidades dos sujeitos, controlando suas ações, enfatizando seus desvios e ocultando o caráter ideológico dos estigmas. Logo, a rejeição é imposta, levando a perda da confiança em si e reforçando o caráter simbólico da representação social, segundo a qual os sujeitos são vistos como diferentes e incapazes de terem interação social saudável.

Isso porque a sociedade limita e delimita a capacidade de ação de uma sujeito estigmatizado, marca-o como diferente, desacreditado e determina os efeitos maléficos que pode representar. Quanto mais visível for a marca menos possibilidade tem o sujeito de reverter nas suas relações a imagem formada pelo dito padrão social.

E, a partir do momento que o sujeito internaliza a não aceitação de si mesmo, fica sem espaço, sem voz, sem papel, sem função social, não sendo assim um sujeito de ação. Isso repercute na auto-estima do jovem, que passa a ser o diferente em uma sociedade que exige a semelhança e não reconhece na semelhança as diferenças. Além disso, a ausência de vínculos inscreve a desordem, a ausência da autonomia e da referência do ser individual no grupo social.

Logo, a escola que era para ser um espaço de construção de sujeitos, de socialização e aprendizagem de valores pode se tornar espaço de práticas de violência e estigmatização, perpassando pela história do sujeito ainda em transformação, como os adolescentes.

Para Silva (2006), a violência de repercussão moral, psicológica e emocional são de efeito tão ou mais profundo que os da violência que atinge e fere o corpo, pois a violência caracterizada como bullying fere um valor precioso do ser humano: a auto estima.

A partir dos estudos de Neto e Saavedra(2003) todos os alunos são afetados negativamente ao experimentarem ansiedade e medo. Isso porque não há intervenções contra o bullying proporcionando um ambiente escolar contaminado.

Assim, não é fácil modificar o meio enraizado de práticas violentas, contudo é possível o engajamento da escola, família e da sociedade a fim de buscar estratégias a partir de cada contexto sociocultural, uma vez que não há um modelo

pronto que servirá para todos. Isso porque o bullying é um fenômeno complexo que parece ter múltiplas causalidades.

Considerações finais

É necessário fazer reflexões críticas sobre o que a adolescência vivencia no contexto escolar no que diz respeito ao bullying, uma vez que pode acarretar em conseqüências negativas nas suas vidas. Logo, pensar a adolescência como uma manifestação da natureza humana é desvalorizá-la e condená-la à identificação com modelos vazios em termos de inserção na sociedade. É preciso superar esta concepção (BOCK, 2004).

Dessa forma, a escola deveria ser vista como o ambiente de formação de relações e, muitas vezes, torna-se espaço de práticas de violência entre alunos que estão imersos em uma sociedade que cultua o individualismo, a competição desenfreada e a falta de tolerância.

Fante (2005) chama a atenção para os fatores externos e internos que podem influenciar a violência escolar. Entre os fatores externos, a autora cita o contexto social, responsável pela exclusão daqueles que não têm acesso a benefícios sociais; os meios de comunicação, que promovem a banalização das relações interpessoais e a família, primeiro local onde as crianças aprendem a relacionar-se com outras pessoas, estendendo o comportamento aprendido para outros locais, como a escola.

Assim, adentrando o ambiente escolar, através de políticas públicas, o Estado abre um canal de comunicação, na maioria das vezes unívoco, com a sociedade, demonstrando e praticando sua ideologia, metas e diretrizes, num movimento que interfere e regula o fluxo da vida cotidiana. No desenrolar desse processo, que engloba desde a elaboração até a implementação destas políticas, há um choque entre os interesses do mercado e da sociedade civil. E o psicólogo e demais profissionais precisam estar atentos a essas políticas para melhor enfrentar a violência escolar e mais especificadamente o bullying.

Referências

ABRAMOVAY, M. et al. **Escola e Violência**. Brasília: Unesco, 2003.



_____.et al. **Violência nas escolas:** situação e perspectiva. Boletim 21,Unesco,v.1,p.3-12,2005.

BEAUDOIN, M.;TAYLOR, M. **Bullying e desrespeito:** como acabar com essa cultura na escola.Porto Alegre:Artmed,2006.

BOCK, A. M. B. **A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano:** a adolescência em questão.Cad. CEDES, Campinas, v. 24, n. 62, Abril. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acessado dia 24 de junho de 2010.

BONETI, L. W.; PRIOTTO, Elis Palma. **Violência escolar:**na escola,da escola e contra a escola.Revista Diálogo Educ.,Curitiba,v.9, n.26, p.161-179,2009.

CHAVES, E. K. M. Programa de pós-graduação em Políticas Públicas –Dissertação UFPI- Mestrado em Políticas Públicas. **Entre punições e táticas:** a produção de identidades dos jovens em medidas sócio educativa de privação de liberdade.Teresina-PI ,2008.115p.

CONSTANTINE, A. **Bullying:** como combatê-lo? Itália Nova Editora,2004.

DENISOV,V. **Violencia social:**Ideologia y Política.Moscú: Progreso,1986.

FANTE, C. **Fenômeno bullying:** como prevenir a violência nas escolas e educar paraa paz. 2 ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

GOFFMAN, E. **Estigma:** La identidad deteriorada. 5 ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais.Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.**10 ed.Rio de Janeiro:DP&A Editora,2005.

MELUCCI, A. **O jogo do eu.** São Leopoldo:Editora Unisinos, 2004.

NETO, A. L.; SAAVEDRA, L. H. **Diga não ao bullying.**Rio de Janeiro:ABRAPIA,2003.

SILVA, A. B. B. **Bullying:** mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, D. G. Programa de pós-graduação em Ciências Sociais Universidade do Vale do Rio dos Sinos, PPG em Ciências Sociais Aplicadas. **Violência e estigma.** São Leopoldo,2006.136p.

SPÓSITO, M. P. **Um breve balanço sobre violência escolar no Brasil.** Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.27, n.1, p.24-39, 2002.

Abstract

The term bullying, of English origin, was adopted by several countries to define a set of behaviors aggressive, repetitive and intentional, which are targeted against. This article is characterized by a literature review, aims to critically analyze the psychosocial effects of bullying among adolescents, contextualizing its history, characteristics and consequences of those involved. In addition, seeks to provide knowledge about the nuances of bullying to school, highlighting the importance for psychologists and educators. Currently, due to its media coverage in society, is essential in an academic approach to this serious and deep subject, in order to intervention strategies, and most importantly, prevent the bullying even install it at the university and affects the subject and the school, often irreparably.

Keywords: Violence. Bullying. Adolescence. Identity.

